

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

THIAGO DE CASTRO LIMA DOYA

**DIPLOMACIA CORPORATIVA E SEUS DÉFICITS NO BRASIL
COMO ECONOMIA EMERGENTE NO CENÁRIO DE
GLOBALIZAÇÃO**

RECIFE

2014

THIAGO DE CASTRO LIMA DOYA

**DIPLOMACIA CORPORATIVA E SEUS DÉFICITS NO BRASIL
COMO ECONOMIA EMERGENTE NO CENÁRIO DE
GLOBALIZAÇÃO**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, pelo aluno Thiago de Castro Lima Doya, orientado pelo Professor Dr. Thales Castro, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

RECIFE

2014

Doya, T. C. L.

Diplomacia corporativa e seus déficits no Brasil como economia emergente no cenário de globalização / Thiago de Castro Lima Doya : O Autor, 2014.

33 folhas.

Orientador(a): Profº Dr. Thales Castro

Monografia (graduação) – Bacharel em Relações Internacionais - Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Relações internacionais 2. Diplomata corporativo 3. Internacionalização 4. Inserção

I. Título.

**327 CDU (2.ed.)
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2014- 300**

THIAGO DE CASTRO LIMA DOYA

**DIPLOMACIA CORPORATIVA E SEUS DÉFICITS NO BRASIL
COMO ECONOMIA EMERGENTE NO CENÁRIO DE
GLOBALIZAÇÃO**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, pelo aluno Thiago de Castro Lima Doya, orientado pelo Professor Dr. Thales Castro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Orientador: Thales Cavalcanti Castro
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Pedro Paulo Procópio
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Sumário

INTRODUÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.
I-INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE DIPLOMACIA CORPORATIVA	Erro! Indicador não definido.
II- HISTÓRICO TRANSIÇÃO DA DIPLOMACIA ECONOMICA NO BRASIL	Erro! Indicador não definido.
III. INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS NO BRASIL	Erro! Indicador não definido.
IV. INSERÇÃO DE UM NOVO PROFISSIONAL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	Erro! Indicador não definido.
CONCLUSÃO	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Erro! Indicador não definido.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é abordar um breve estudo sobre a história da diplomacia econômica e abertura de mercado no Brasil, para então, compreender o movimento de transição das empresas para o mercado externo e, assim, gerar a demanda de um novo profissional multidisciplinar reconhecido como “diplomata corporativo”, em um cenário complexo de intensa globalização. Cada vez mais a promoção do comércio exterior é conduzida pelas empresas privadas, e cabe aos profissionais da área fomentar um ambiente de saldos positivos para reafirmação de posicionamento no ambiente global. Com o rápido crescimento do mercado internacional no Brasil nos últimos anos, e os aumentos das necessidades de inserção de um novo profissional atuante, torna-se indispensável o crescimento de instituições profissionalizantes no campo. Apesar da inserção tardia deste novo profissional, cresce cada vez mais as expectativas de atuação aos amantes da diplomacia corporativa.

PALAVRAS-CHAVE:

Diplomata Corporativo; Internacionalização; Inserção

ABSTRACT

The aim of this work is to approach a brief study of the history of economic diplomacy and market opening in Brazil to then understand the transition movement of companies to foreign markets and thus generate demand for a new multidisciplinary professional recognized as a business diplomat in a complex scenario of intense globalization. Increasingly, the promotion of foreign trade is conducted by private companies, and it is for professionals to foster a positive balance environment for positioning reaffirmation in the global environment. With the rapid growth of the international market in Brazil in recent years and increases in the insertion of a new professional in the field, it is essential to the growth of professional institutions in the field. Despite the late inclusion of this new professional, grows more and more expectations of action to lovers of corporate diplomacy.

KEYWORDS:

Foreign Affairs; Internationalization; Insertion

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que através da fé permitiu que realizasse este trabalho.

Aos meus pais, irmãos, e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Ao professor Pedro Gustavo Cavalcanti Soares pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Ao professor e coordenador do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Dedico este trabalho aos meus familiares e a todos que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

“O Brasil está entrando em uma nova era em sua história em que a cada dia que passa fica mais claro que não existe saída para o nosso crescimento a não ser através da internacionalização de nossas empresas.”

Gilberto Sarfati

INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho é elucidar o contexto de evolução das relações no qual os países de economias emergentes foram forçados a ingressar no cenário de mercado globalizado, sem qualquer cuidado na contratação de novos profissionais multidisciplinares capazes de articular os negócios internacionais, levando em consideração as diferenças de mercado, política, cultura, dentre outros fatores.

As empresas globais, cada vez mais, se assemelham com Estados independentes, transferindo assim o dever de conduta de uma velha diplomacia estatal para uma diplomacia privada e inovadora. Nos últimos vinte anos, houve uma grande expansão dos países em desenvolvimento, configurando os BRICS, constituído por: Brasil, Rússia, Índia, China e recentemente África do Sul. No caso do Brasil, a ausência de sintonia entre o governo e a diplomacia estatal se reflete nas práticas adotadas por empresas internacionais, no que tange ao encontro de interesses das diretrizes do nacional ao internacional. Com a ascensão das empresas no cenário global, no contexto denominado "Post-Westphalia", as empresas globais ganharam status de ator internacional e, cada vez mais, representa a imagem das capacidades políticas e financeiras do Estado.

Com a rápida transformação do cenário global, o Brasil não foi capaz de acompanhar a formação suficiente de novos profissionais preparados para lidar com tais especificidades do mercado internacional dinâmico. Muitos dos países que já passaram por um processo de desenvolvimento demonstraram uma longa cultura de relações internacionais, refletidas em centenas de cursos e no comportamento dos executivos atuantes por gerações, enquanto o Brasil negligenciou o contexto internacional frente á grandeza do mercado interno e ás enormes barreiras comerciais impostas por proteção de mercado.

A falta de articulação entre as necessidades estratégicas das empresas com os desafios do cenário internacional tem levado a carência de competitividade das empresas no mercado externo. A carência do profissional formado para atuar com as relações internacionais privadas tem causado atribuições negativas no comportamento das empresas.

Portanto, tem-se como objetivo geral, analisar o comportamento da transição do Estado e das empresas no desempenho das ações dos internacionalistas que adotam práticas de negociações internacionais no contexto de globalização.

Dentre os objetivos específicos, pretende-se: analisar o círculo da política externa estatal que reflete sobre a diplomacia corporativa através de uma breve busca na história da diplomacia econômica e abertura de mercado; reconhecer as prioridades estabelecidas pelas empresas atuantes do mercado internacional; identificar o nível de interesse das empresas internacionais na contratação de profissionais multidisciplinares; apontar características, qualidades e desafios na carreira do diplomata corporativo; e apresentar os motivos que conduzem o desvio de área profissional dos alunos de relações internacionais assim como a globalização tem afetado as atividades de contratação nas empresas globais.

Este trabalho buscou apoio básico em pesquisas na Internet e livros na área de Relações Internacionais. Além disso, foram consultados artigos científicos. Quanto aos livros utilizados, como bibliografia básica, podem-se citar os livros: “Manual de Diplomacia Corporativa”, do autor Giberto Sarfati, e “Formação da Diplomacia Econômica no Brasil”, de Paulo Roberto De Almeida, que auxiliarão no desenvolvimento e entendimento do assunto.

A consulta e compreensão à bibliografia sugerida pelos professores da instituição de ensino Damas também mostrou-se uma maneira de pesquisar materiais mais atualizados a fim de elaborar a monografia. Além das fontes de consulta citadas, as anotações e a vivência no campo das relações internacionais poderão incrementar a monografia com alguma informação adicional.

1. INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE DIPLOMACIA CORPORATIVA

Para um melhor entendimento do texto, faz-se necessário uma breve introdução quanto aos conceitos de diplomacia corporativa e seu surgimento. Apesar de o termo ser algo recente em termos históricos, pode-se observar diversas visões e perspectivas sobre este campo. É comum se deparar com a busca dos conceitos da velha diplomacia para, então, culminar sobre as inovadoras práticas da diplomacia, compreendida como “diplomacia corporativa” ou “diplomacia empresarial”.

A palavra “Diplomacia” vem da palavra “Diploma”, significando “dobrado em dois”, a referir um objeto. Um diploma, por sua vez, trata-se de um documento oficial com características de carta de recomendação ou que outorgava uma licença, ou privilégio, enviada por autoridades supremas de uma entidade política soberana às autoridades de outra, para informar que o portador desempenhava funções de representação oficial, e para lhes solicitar certos privilégios para o servidor público na jurisdição do destinatário. O documento era entregue dobrado caso o conteúdo fosse uma comunicação privada. O portador do diploma, por esse fato, era nomeado de “diplomata”.

Após multissecular evolução do significado, em França *diplomatie* acabou por designar todos os documentos solenes emitidos pelas chancelarias, especialmente os que continham acordos entre soberanos, enquanto o equivalente termo inglês *diplomats* se utilizou especificamente para designar a autenticação de documentos antigos e a conservação de arquivos. Já em finais do século XVIII, *diplomatie*, na França, e *diplomacy*, *diplomat* e *diplomatist*, na Inglaterra, designavam o manejo das relações e negociações entre nações através de oficiais do governo, e desde então a palavra *diplomata* passou a identificar alguém autorizado a negociar em nome de um governo.

O conceito da palavra “Diplomacia” ainda está longe de um consenso entre os grandes críticos do assunto, a mesma tem diferentes definições e interpretações conforme o grau de objetivos e práticas que nela se incorporam, e que através dela se desenvolve. Hedley Bull, autor de *A sociedade anárquica*

(2002) define como uma gestão das relações entre estados e outras entidades da política mundial, por meios pacíficos e com o uso de agentes oficiais. Em contrapartida, G.R Berridge, em seu livro *Diplomacy Theory and Practice*(2011), define diplomacia como a condução das relações internacionais por via da negociação, mais que pela força ou pela propaganda, ou pelo recurso ao direito e outros meios pacíficos, tais como: recolher informação ou gerar boa vontade, meios que estejam direta ou indiretamente concebidos para promover a negociação, portanto uma atividade essencialmente política e uma instituição do sistema internacional.

O site *Conceito.de* (2013) define a diplomacia como uma ciência que estuda as relações e os interesses das nações umas com as outras. O conceito também é usado para fazer alusão ao serviço dos Estados nas suas relações internacionais. Segundo o site, a diplomacia implica obter um acordo (ou a consenso) e pressupõe a existência de boa vontade entre as partes. Na possível falha da diplomacia praticada, as relações internacionais podem chegar a outras instâncias que podem incluir o uso da força ou até mesmo o conflito armado. O site O Globo afirma que na linguagem quotidiana, a diplomacia está relacionada com a dissimulação, o tacto ou a cortesia interesseira, ou seja, com segundos interesses.

Diversos autores definem o termo de acordo com o contexto na qual vivenciam, é indispensável a análise das múltiplas conceituações para então desenvolver o pensamento nas na evolução do termo até os dias atuais. Assim como no passado, os termos vão ganhando outras dimensões de acordo com seu tempo histórico. Hoje são notáveis diversos termos e conceitos agregados à palavra diplomata de acordo com a função exercida. No âmbito corporativo ou empresarial, o executivo responsável pela condução das negociações internacionais é geralmente nomeado de diplomata corporativo ou diplomata empresarial. No contexto de acentuação do processo de globalização da economia e a valorização do país no cenário internacional, começa a crescer o mercado de atuação dos chamados diplomatas corporativos dentro das empresas, principalmente das multinacionais.

Neste contexto, Diego de Jesus (2013) conceitua a diplomacia corporativa como um conjunto de atividades destinadas a gerar condições favoráveis para que as empresas conduzam suas atividades e realizem seus

objetivos organizacionais. Para Diego, também faz parte as atividades de influência sobre outros atores econômicos e sociais para se criarem e explorarem oportunidades de negócios, a colaboração com autoridades e reguladores que influenciem processos comerciais e investimentos.

Keegan (2005), em sua análise sobre a economia mundial, ressalta que os entendidos como diplomatas corporativos ou executivos internacionais devem, não apenas gerenciar as operações de suas empresas e apresentar retornos financeiros, mas, também, que se envolvam em atividades para moldar o ambiente comercial e de investimentos no qual suas empresas operam no mundo.

Nos diversos conceitos e definições atribuídas aos termos, é visível a tentativa de manter em suas afirmativas a mesma lógica de maximização de interesses daqueles que representam e a otimização da influência exercida sobre outros atores. A partir desses esclarecimentos é possível analisar a passagem e atuação deste profissional ao longo da história e suas recentes atribuições e atividades.

Desta forma, com a orientação e atuação deste novo profissional, a economia brasileira se torna mais orientada no mundo além das fronteiras nacionais, e mais empresas do país passam, não apenas a atuar no comércio exterior, como também fazer investimentos diretos em outros países. O Brasil no mundo corporativo necessitará de executivos capacitados e precisará investir na capacitação e agências governamentais para gerenciar e aprimorar os relacionamentos nos mercados alvo.

2. HISTÓRICO DA TRANSIÇÃO DA DIPLOMACIA ECONOMICA NO BRASIL

A projeção do Brasil no cenário internacional nos últimos 20 anos tem causado efeitos positivos de maneira substancial nas negociações externas, nos setores públicos e privados. Evidentemente isso se deve a vários fatores ao longo desse tempo, a começar com as estratégias políticas iniciadas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, o aprofundamento da democracia, a estabilidade macroeconômica e, principalmente, as políticas sociais trabalhadas nos últimos anos.

É evidente que não se pode pensar nos recentes avanços da diplomacia econômica brasileira sem antes conhecer profundamente seus fundamentos históricos. Paulo Roberto de Almeida (2001) descreve com bastante vigor em seu livro "Formação da Diplomacia Econômica no Brasil as diversas etapas e pontos marcantes da trajetória e formação da diplomacia brasileira".

Segundo Almeida, o primeiro ato de diplomacia econômica no Brasil foi a Carta Régia de abertura dos portos, expedida por D.João no dia 28 de Janeiro de 1808, onde os interesses do Brasil se separavam pela primeira vez dos da metrópole, e o comércio exterior do Brasil passaria a conhecer uma fase e notável expansão.

O decreto de abertura dos portos abriu uma nova etapa na história econômica do Brasil, ou mesmo de sua história *tout court*, podendo-se dizer que constituiu, assim, uma espécie de "documento fundador" do país, ao lado o Tratado de Tordesilhas, da carta de Pedro Vaz e Caminha e do Tratado de Madri. Encerrava-se com esse ato o longo período de três séculos de exclusividade comercial português, conhecido como "Pacto Colonial".

Paulo Roberto (2001) também afirma as experiências diplomáticas fundadoras da inserção econômica internacional do Brasil seriam dadas, sobretudo, pela negociação e conclusão de tratados bilaterais de comércio, a começar pelo de 1810 com a Inglaterra, cujas consequências propriamente comerciais. Em seguida, o Segundo grande passo foi a construção de uma

“nova ordem internacional” a partir de cooperação técnica de caráter multilateral.

Do ponto de vista a estrutura formal das relações internacionais o Brasil, a intensidade dos vínculos políticos e econômicos mantidos pelo país com as principais potências da época desdobrou-se, portanto no plano dos acordos plurilaterais e no das instituições intergovernamentais dedicadas a facilitar esse relacionamento.

Diversos outros tratados e fatores ao longo da história do Brasil foram essências para a formação da atual conjuntura da Diplomacia Econômica Nacional. Um crescimento do Brasil para um maior patamar de inserção econômica internacional iniciou em meados dos anos 80, quando deu partida aos processos de reforma tarifária e de liberação comercial e de integração com a Argentina, acelerando e ampliado de forma quadrilateral, em 1991, no MERCOSUL. A abertura da economia especificamente na América do Sul é algo muito recente em termos históricos. No Brasil, por exemplo, as barreiras comerciais começaram a ser desmontadas no início da década dos anos 90 de forma significativa reforçadas pelo Plano Real em termos da política comercial e do desempenho do comércio exterior brasileiro no final de 1994.

A rápida transformação global causou uma grande expansão dos países em desenvolvimento, principalmente daqueles que integram os BRICS, constituído por: Brasil, Rússia, Índia, China e, recentemente, a África do Sul. No caso do Brasil, uma ausência de sintonia entre o governo e a diplomacia estatal se reflete nas práticas adotada por empresas internacionais, no que tange ao encontro de interesses das diretrizes do nacional ao internacional. Com a ascensão das empresas no cenário global, no contexto denominado “Post-Westphalia”, as empresas globais ganharam status de ator internacional e, cada vez mais, representam a imagem das capacidades políticas e financeiras do Estado.

Apesar da recente inserção dos países sul americano neste novo cenário de operações internacionais contemporâneos. Não se deve negligenciar o fato que os negócios internacionais sempre existiram, ou seja, não é algo recente.

Podemos dizer que essas características dos negócios internacionais sempre existiram. Se você pensar bem verá que a história da humanidade sempre fia a história dos países, cidades-estados, aldeias etc. Fazendo comércio entre si. Ou seja, os negócios internacionais não são uma novidade: a história social da humanidade é a história dos negócios internacionais.

A diferença entre os contextos de negociações internacionais do passado com os do presente se encontra no cenário da globalização, tratando-se do processo no qual as tradicionais barreiras entre Estados caem de forma significativa devido ao avanço tecnológico, possibilitando uma intensa troca de informações entre os indivíduos ao redor do mundo.

A globalização como um processo de intensificação da integração dos meios políticos, comerciais, econômicos, sociais e culturais, não permite a estagnação de um Estado no tempo. Agora mais do que nunca se faz necessário a busca por maior participação no cenário internacional com a intensificação das trocas, no qual exige múltiplos conhecimentos sobre a dinâmica do mercado e política externa para gerar aberturas, inserção e participação de acordo com as capacidades presentes.

Em nosso entendimento FHC foi responsável aos primeiros atos desta abertura de mercado moderna, deixando um saldo positivo em matéria de política externa, enquanto a presença do Brasil no mundo teve um salto qualitativo durante os oito anos de sua gestão. Esta elevação do patamar foi fruto de significativas mudanças realizadas no âmbito interno, destacando-se: uma postura que estimulou o aprofundamento das práticas democráticas, a estabilidade da moeda, a responsabilidade fiscal, a maior abertura da economia ao exterior, a construção de uma redistributiva rede de proteção social na área da educação e saúde. Este foi o lastro nacional da liderança de FHC no plano internacional que, com sentido de direção, criativamente traduziu necessidades internas em possibilidades externas.

A ênfase ao aperfeiçoamento dos princípios básicos da diplomacia brasileira foi essencial para uma mudança de prioridades na política externa. Após 1994, tornou-se comum a busca de uma maior integração com outros Estados, principalmente um resgate aos princípios do MERCOSUL para estreitar as relações com os parceiros vizinhos. O Brasil também alcançou a ampliação da integração da América Latina e Caribe, através de ações como a

do Haiti, na intenção de recuperar a democracia e a estabilidade, iniciativas como a consolidação da UNASUL que mostrou-se essencial para resolução de conflitos internacionais.

Após o governo do ex-chefe de Estado FHC, o governo do ex-presidente Lula foi sem dúvidas de grande importância para novas conquistas e continuidade no campo da diplomacia econômica internacional. No início de sua gestão era claro o medo e a desconfiança internacional devido à sua ideologia política praticada no passado. Já no final do primeiro mandato era claro o otimismo externo e credibilidade frente às práticas do país devido ao cumprimento de acordos e pagamento de dívidas históricas.

The Economist adota posicionamento discursivo que enaltecem a política econômica do ex-chefe de Estado e defendem a continuidade do seu modelo de gestão porque acredita que mesmo com um discurso socialista, Lula estaria engajado em relação aos princípios defendidos pelo liberalismo e isso se reflete no discurso do próprio político.

Com novo discurso veiculado pelas agências de notação o Estado brasileiro buscou aprofundar novas parcerias utilizando fluentemente as afinidades naturais. A África, que já foi uma região deixada em segunda prioridade, passa a ser uma das primeiras, assim como múltiplas parcerias Árabes, na Índia, com a criação do IBAs (Índia, Brasil e África do Sul), e se beneficiando da nomenclatura criada pelos bancos, os BRICS, que serviram de instrumento de política externa. Todas essas aproximações fortaleceram o nome do Estado no âmbito intencional, não só com as novas parcerias, mas com os parceiros tradicionais que passaram a agregar mais valor.

A eleição do Ex-Presidente Lula ocorreu em um momento de busca de novas perspectivas políticas e econômicas para os problemas com que se deparavam os países da América do Sul em contexto de amplas reformas da moeda e abertura de mercado. Os baixos e assustadores indicadores sociais na região expunha as limitações do modelo neoliberal, centrado na fé cega na abertura de mercados unilateral, em alguns casos na retração do papel do Estado. A natureza ilusória da crença de que tais modelos produziram desenvolvimento sustentável ficou patente com as crises sociopolíticas na região. Por seu amplo compromisso com a democracia na visão externa e por

sua preocupação com a dimensão social do desenvolvimento, o Ex-Presidente Lula passou a simbolizar não apenas a aspiração de brasileiros por desenvolvimento juntamente com justiça social, mas a de muitos outros atores.

A ação diplomática do Governo Lula é concebida como instrumento de apoio ao projeto de desenvolvimento social e econômico do País. Mas ela possui, também, uma dimensão humanista, que se projeta na promoção da cooperação internacional para o desenvolvimento e para a paz. Está profundamente enraizada nos interesses e esperanças do povo brasileiro. É nacional, sem deixar de ser internacionalista.

Privilegiados os múltiplos contatos além das fronteiras nacionais, o Governo do ex-presidente Lula diferencia-se pela habilidade do diálogo com atores de todos os quadrantes e níveis de desenvolvimento. A participação do Ex-Presidente da República nos grandes Foros, em seu primeiro mês de governo, refletiu convicções democráticas do Governo e o desejo de influir nos grandes debates internacionais em defesa de uma globalização não excludente, no qual gerou em saldo bastante positivo até o término do seu governo de 8 anos.

No governo da atual presidente Dilma Rousseff não deve-se exaltar contribuições significativas em termo da diplomacia comercial frutos de desprestígio na Diplomacia Estatal histórica do país. No atual governo da presidente Dilma houve significativos cortes de orçamento designados ao Itamaraty e múltiplas ausências em importantes conferências internacionais o que refletem diretamente nos investimentos e parcerias com o externo.

O Governo Dilma Rousseff, tendo o chanceler Antônio Patriota como condutor, mostrou, até o momento, pouco interesse e pouca ação nas relações internacionais, com duros revezes na agenda internacional.

As diretrizes determinadas da diplomacia estatal e comercial do atual governo tem aos poucos causadas uma insatisfação em contraste do legado do ex-chefe de Estado. Entretanto o Brasil se beneficiou de alguns fatores que contribuíram significativamente a ampliação de intercambio comercial, como a Copa do Mundo e a futura Olimpíada Mundial. Tais eventos sediados no Brasil intensifica substancialmente o fluxo da economia no âmbito interno e externo.

O Brasil hoje goza de uma posição privilegiada no cenário internacional, fruto de diversos avanços nas estratégias adotadas no durante o Governo FHC, Lula e eventos pontuais durante o atual Governo Dilma. Apesar de todos os avanços que culminaram no sucesso político e comercial do Estado, ainda são visíveis as diversas falhas que persistem ao longo dos anos. Com a rápida transformação de preferências políticas e a intensa inserção no cenário globalizado, o Brasil não foi capaz de acompanhar os avanços das praticas de contratação de profissionais capacitados para desempenhar atividades internacionais nos setores comerciais públicos e privados.

Devido à rápida transformação da diplomacia econômica o Brasil assim como outras economias emergentes foi forçado a ingressar no cenário de mercado globalizado sem qualquer cuidado na contratação de um novo profissional multidisciplinar capaz de articular os negócios internacionais levando em consideração diferenças de mercado, política, cultura dentre outros fatores. As empresas globais cada vez mais se parecem com os Estados independentes, transferindo assim o dever de conduta de uma velha diplomacia Estatal para uma diplomacia privada e inovadora.

Para melhor entendimento da dinâmica do cenário atual brasileiro faz se necessário essa breve busca do passado apresentada neste capítulo. Segundo Jayme de Mariz Maia o mundo mudou, e os instrumentos mudaram, mas o condutor desses instrumentos, o homem, pouco mudou.

3. INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS NO BRASIL

A internacionalização das empresas e as companhias nacionais na última década ganharam impulso pelo novo cenário econômico na América do Sul, e o fator do dólar supervalorizado devido ao dinamismo da economia global. Com a queda do fluxo econômico no mercado interno e o dólar atrativo para exportação, as empresas passam a se interessar pela exploração das oportunidades além das fronteiras nacionais.

Diversos fatores contribuíram para a busca das empresas se internacionalizar a partir desta nova fase benéfica de mercado, seja ela pela elevada capacidade de recursos para contribuir ao fácil crédito bancário, seja no país de origem ou no exterior, agilidade na aquisição de matéria-prima mais barata em mercados externos, aumentar a produtividade e escoar seus produtos e serviços aos mercados alvo, ratear de forma menos onerosa os gastos, reduzir custo de produção e maximizar seu ganho cultural para adequação dos produtos através do intercâmbio de informações além das fronteiras.

Outros fatores de caráter mais incisivos que levam as empresas brasileiras a se lançarem no exterior é o excessivo protecionismo de mercado que cada vez mais o Brasil vem trabalhando para amenizar, o custo Brasil que envolve a alta carga tributária e diversos encargos trabalhistas e por fim a competitividade no qual podemos citar o nosso ineficaz sistema de transporte.

Apesar do recente salto de empresas nacionais se lançarem no mercado externo transferindo filiais, essa tentativa já tinha sido iniciado nos fins do século XIX pelo Barão de Mauá, com 17 empresas em seis países. Mesmo com essa iniciativa precoce para o perfil do país na época, o Brasil em 1994 detia apenas 70 multinacionais, em 2001, cerca de 300. Em 2000 a revista

Fortune publicou as 500 maiores empresas do mundo, entre elas o Banco do Brasil, Petrobras, Bradesco e Itaúsa.

Diferentemente do passado, hoje se faz necessário uma estratégia de comércio mais arrojada devido a competitividade do complexo cenário mundial. Cada vez mais as empresas que se lançam no mercado externo tem a necessidade de garantir uma negociação bem sucedida e duradoura. Cabe aos Diplomatas Corporativos junto a outros setores e profissionais abrir caminhos de forma mais eficaz para a inserção destas empresas no mercado exterior.

O Brasil, apesar do aparente sucesso na diplomacia estatal praticada, ainda peca nos desencontros de ideias dos interesses nacionais frente aos interesses internacionais. É notável um desencontro de políticas desempenhadas pelo setor público frente ao privado, em quanto deveria haver uma sintonia para avançar no crescimento da internacionalização das empresas nacionais.

O Brasil detém um corpo diplomático bastante invejável em vista de outros países, porém quando aprofundado as questões de interesses Estatais frente aos privados nos deparamos com um desencontro de interesses nas questões de desburocratização. Durante grande parte da história, o Brasil negligenciou o contexto internacional frente às diversas barreiras comerciais.

É possível afirmar que no mundo globalizado, as empresas lidam de formas distintas quanto a pressão externa. Apesar das semelhanças na conduta e obrigações de um diplomata estatal e um corporativo, nas empresas o diplomata corporativo detem maior flexibilidade para desafiar e gerir o ambiente de negócios, solucionar questões em contextos específicos, maximizar lucros e ampliar a maximização de benefícios privados.

A política comercial estratégica adotada pelo Estado brasileiro foi falha durante grande parte de sua história, negligenciando a aceitação da ideia e que há falhas de mercado que devem ser corrigidas pela intervenção governamental. O “gap” de sintonia entre interesses públicos e privados para a reforma das estratégias comerciais adotadas retardaram os avanços no dinamismo o mercado internacional brasileiro. Gonçalves Baumann e Canuto Prato dissertam com bastante propriedade em seu livro *A Nova Economia Internacional 1998*, a importância de sintonia das políticas comerciais estratégicas como instrumento de alavancagem econômica.

Em outras palavras, a política comercial estratégica pressupõe a existência de objetivos estratégicos, isto é, interesses a serem defendidos, tratando, portanto dos instrumentos para alcançar tais objetivos. Neste sentido tal questão está intimamente ligada ao debate de dois importantes temas contemporâneos: economia internacional e desenvolvimento, e economia internacional e poder, que é o campo da economia política internacional.

4. INSERÇÃO DE UM NOVO PROFISSIONAL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com a rápida transformação do cenário global, o Brasil não foi capaz de acompanhar a formação suficiente de novos profissionais preparados para lidar com tais especificidades do mercado internacional dinâmico. Segundo Bauman (1998), maior parte dos países que já passaram por processo de desenvolvimento teve uma longa cultura de relações internacionais refletidas em centenas de cursos e no comportamento dos executivos atuantes por gerações, em quanto o Brasil negligenciou o contexto internacional frente à grandeza do mercado interno e as enormes barreiras comerciais existentes até duas décadas passadas.

Até meados da década de 1970, os cursos nacionais de relações internacionais eram focados na diplomacia e na política interna e externa. Somente no início dos 2000, se inicia uma mudança na formação acadêmica dos profissionais voltados ao âmbito internacional devido ao aumento na demanda das empresas para conduzir os negócios internacionais de acordo com a demanda dinâmica das praticas do cenário internacional globalizado. Logo, o processo de internacionalização das empresas abriram novas oportunidades aos amantes do comercio exterior e política externa, criando novos cursos e perspectivas no campo das relações internacionais e outros cursos ligados ao âmbito alem das fronteiras nacionais.

Apesar dos recentes avanços na inserção deste novo profissional, a deficiência de articulação às necessidades estratégicas das empresas com os desafios do cenário internacional tem levado a carência de competitividade das empresas brasileiras no mercado externo.

A carência do profissional formado para atuar com as relações internacionais privadas tem causado atribuições negativas no comportamento das empresas e mantendo barreiras para o avanço e acompanhamento do cenário dinâmico global.

Pode se observar uma alta demanda de profissionais qualificados para atuação no exterior nas multinacionais brasileiras como a empresa de ônibus

Marcopolo e a Voltorantin Cimentos, que em 2009 tiveram cerca de 50% de suas vagas abertas no exterior. Ao notar essa carência a Fundação Vanzolini e o Ceani lançaram o curso de Internacionalização das Empresas e Diplomacia Corporativa, voltada aos profissionais que desejam trabalhar nos departamentos internacionais.

O caminho mais conhecido para quem se forma em relações internacionais é o da carreira diplomática tradicional, o que inclui passar no concurso para o Instituto Rio Branco e integrar os quadros do Itamaraty no Brasil e no mundo. Porém, com a globalização da economia e a valorização do Brasil no cenário internacional, começa a crescer o mercado de atuação para esses profissionais dentro de empresas privadas e públicas. São os chamados diplomatas corporativos, que atuam principalmente em multinacionais, mas também já começam a ser requisitados por companhias brasileiras.

Na grande parte das empresas que já utilizam o serviço de diplomacia corporativa é designada ao mesmo (a) funções como desempenhar contribuições na formulação da política externa comercial da empresa, realizar análises sobre as dimensões de governo, imprensa e sociedade. O diplomata é reconhecido pelas suas múltiplas habilidades de conduzir e manter relações a fim de alcançar a conclusão de um acordo.

O diplomata corporativo é todo funcionário de uma empresa designado para desenhar e gerenciar a Política Externa Corporativa. Em outras palavras, todo funcionário responsável por alguma dimensão da estratégia internacional da empresa.

É importante ressaltar que apesar da formação de grande parte destes profissionais serem atribuídas aos graduados em Relações Internacionais devido ao englobamento da multidisciplinaridade em sua formação, o cargo não se restringe a uma formação específica, outras formações podem garantir vantagem na habilidade técnica quanto aos produtos e serviços da empresa. O curso de relações Internacionais deve servir apenas como base para a formação de um Diplomata Corporativo, por mais completo e englobante que o curso seja, tal profissional deve procurar suprir as deficiências através de MBA ou cursos de pós-graduação.

A ampliação de aderência deste profissional no mercado atual tem contribuído de forma significativa através de suas atividades e amplo conhecimento voltado ao mercado externo contribuindo diretamente ao crescimento nacional, ampliação de fronteiras e contribuindo para maior inserção na mídia internacional.

Até poucas décadas atrás, o Brasil praticava o comércio internacional como apenas um processo mecânico de importação e exportação, muitas vezes levado ao fracasso em suas operações comerciais devido à carência ou não aderência de um profissional multidisciplinar na inserção da busca de novos mercados.

Nesta categoria estão os “exportadores de feira”, que são empresas brasileiras que descobriram as feiras internacionais. Estas empresas saem à caça de feiras pelo mundo, armam suas banquinhas e vendem para quem aparecer. Não existe a preocupação de conhecer os mercados, as culturas locais os competidores, se questionar sobre alteração de produto para agradar o consumidor local e etc.

A decisão de internacionalização requer atenção especial de múltiplos departamentos das empresas, tratando-se de uma nova estratégia empresarial. Tal decisão demanda profissionais especialistas em comércio exterior, relações internacionais e funcionários com domínio em outras línguas.

O reconhecimento da necessidade de inserção da função de um diplomata corporativo é algo recente no Brasil, anteriormente esta função muitas vezes era realizada pelos donos das empresas junto a um tradutor, o que ocasionou muitas vezes em falhas onerosas nas negociações devido a falta de preparo e de conhecimento multidisciplinar para lidar com questões culturais, linguísticas, empresariais entre outras. Devido a maior participação do Estado no cenário global, faz-se necessário a uma estratégia diplomática comercial com intuito de aperfeiçoamento dos relacionamentos com outros atores.

O Diplomata corporativo é inserido no ambiente de transformação global como um fator chave para adaptar as empresas neste novo contexto de globalização. Este profissional deve adequar práticas de defesa dos objetivos-

macro das empresas que assegurem a defesa dos interesses dos investidores e posicionar a empresa no âmbito desejado reduzindo os danos e maximizando os ganhos.

Os diplomatas corporativos têm como dever a busca de compromissos sólidos com os deveres da profissão. Faz-se necessário a intensa busca de conhecimento multidisciplinar para garantir sucesso nas operações. O diplomata corporativo também conhecido como diplomata empresarial tem o dever de conduzir a credibilidade daquilo que se espera como função atribuída carregando com si a imagem da empresa na qual representa.

Tais habilidades como prática de negociação, comunicação e liderança são atributos fundamentais ao profissional que deseja atuar na atividade de representação comercial das multinacionais, podendo se deparar com múltiplos conflitos de interesses que exige competência para contornar e gerenciar em contextos de crise.

Leite Ribeiro (2007), reconhece que dentro das práticas do diplomata corporativo se enaltece o dever de representar, negociar e informar. Assim como um diplomata de Estado, cabe ao diplomata do mundo corporativo aperfeiçoar os seus conhecimentos dentro destas práticas de credibilidade.

O dever de um diplomata corporativo não é caracterizado como fácil. Em contextos de intensas mudanças no ambiente político, social e econômico, se exige deste profissional inteligência e competência para lidar com as constantes mudanças do mercado, especialmente com a introdução de novas tecnologias e a geração Y.

Essa nova demanda comportamental somado ao intenso uso de tecnologia da comunicação e informação exige que o diplomata corporativo desenvolva um novo estilo de liderança e uma nova visão em negócios, permitindo adequar estratégias global em mercados locais.

Apesar de tardio, os países em desenvolvimento vêm evoluindo nas áreas de estudos internacionais, qualificando o internacionalista para lidar com os desafios do mercado externo. É evidente a existência do profissional qualificado para o mercado internacional, porém, a falta de costume de

inserção deste profissional na atuação adequada causa em “*gap*” na sintonia do interno ao externo. Cada vez mais, a quantidade e a qualidade das informações que recebemos da dinâmica de mercado internacional são importantes para tomadas de decisões. Com a percepção dessas problemáticas, fez-se necessário um ambiente regulatório onde as empresas fossem mais transparentes com seus investimentos humanos, aumentando sua seletividade, surgindo assim um novo mercado.

CONCLUSÃO

O presente texto teve como ponto de partida indagar sobre a transição das empresas nacionais à um cenário dinâmico globalizado e apresentar a necessidade de inserção de um novo profissional neste contexto. Com isso faz-se necessário o entendimento dos conceitos básicos da diplomacia e uma breve busca da história de abertura de mercado no Brasil para então definir os conceitos atuais no cenário de globalização.

Com a introdução tardia das empresas na competição internacional, é inevitável a busca de conhecimento por parte dos profissionais para adequar-se ao ambiente complexo das relações internacionais e contribuir de forma significativa na recente alavancagem do país em termos de inserção global.

A consolidação da diplomacia corporativa como uma profissão da área internacional representa uma crença em sua potencialidade como instrumento de transformação na formação de novos profissionais capacitados. Para facilitar esse processo de transformação faz-se necessário a criação de novos instrumentos de conhecimento para ampliar a capacitação dos indivíduos.

Apesar da inserção tardia deste novo profissional, o diplomata corporativo é inserido no ambiente de transformação global como um fator chave para adaptar as empresas neste novo contexto de globalização.

Infelizmente, o Brasil não foi capaz de adequar-se as rápidas transformações no passado para promover o comércio exterior no setor privado. Porém, não cabe aguardar somente as iniciativas governamentais, cada vez mais a responsabilidade de crescimento é transferida às iniciativas privadas. No presente momento, a prática da diplomacia corporativa se encaixa como uma luva para obtenção de resultados no crescimento constante de atuação no mercado global.

Cabe aos amantes da área conduzir o futuro da diplomacia corporativa do Brasil. Onde queremos estar no futuro? Como queremos ser lembrados? Iremos persistir nos erros do passado?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. **Formação da Diplomacia Econômica no Brasil**. SENAC, São Paulo, 2001.

AMORIM, M. **Cresce mercado para diplomatas corporativos**. O Globo. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/emprego/cresce-mercado-para-diplomatas-corporativos-10335717#ixzz3G7hJCo7n>. Acessado em: 23, out, 2014.

BERRIDGE, R. **Diplomacy Theory and Practice**. Dudaj. 2011.

BAUMAN, G. PRADO, C. **A NOVA ECONOMIA INTERNACIONAL**. Editora Campus, 1998.

Conceito de diplomacia. Disponível em: <http://conceito.de/?s=diplomacia>. 2013. Acessado em: 28, nov, 2014.

Década internacional. Definição Online. Disponível em: <http://dicionariodiplomatico.blogspot.com.br/2003/11/d.html>. Acessado em: 22, out, 2014.

HEDLEY, B. **A Sociedade Anárquica**. Fundação Alexandre de Gusmão. São Paulo. 2002.

MAIA, J. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. Editora Atlas. 12 Edição, 2008.

MARKWALD, R. **Obstáculos ao Crescimento das Exportações: Sugestões para uma Política Comercial**. FUNCEX, 2003, p.116.

KEEGAN, J. **Marketing Global**. São Paulo: Prince Hall, 2005.

JESUS, D. Boletim **Meridiano**. 2013.

PROCÓPIO, P. **O Brasil Emergente nas Páginas de The Economist: Relações entre economia e discurso no governo Lula.** Edições Bagaço. 2012, p.32.

SARFATI, G. **Manual de Diplomacia Corporativa.** Editora Atlas, 2001.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. **A diplomacia brasileira está em crise?**
Disponível em: <https://neccint.wordpress.com/tag/governo-dilma/>. 2012.
Acessado em: 23, out, 2014.

THIS, Rate. **Conceitos e estratégias da diplomacia do Governo Lula.** 2013
Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/ministro-estado-relacoes-exteriores/artigo-conceitos-e-estrategias-da-diplomacia-do>. Acessado em: 26, out, 2014.

VAZ, A. **Cooperação, Integração e Processo Negociador.** Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2012.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição: FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Título da Monografia: Diplomacia Corporativa e seus déficits no Brasil como economia emergente no cenário de globalização.

Autor: Thiago de Castro Lima Doya

Data da entrega: 13/01/2015

Avaliado por: Conceito:7.5